



**O Brasil é um país de “balangandãs”  
no imaginário francês**

**Maranúbia Barbosa**

# O Brasil é um país de “balangandãs” no imaginário francês

Brazil is a country of “balangandãs”  
(swaying ornaments) in French imaginary

Maranúbia Barbosa\*

---

**Resumo:** *Este artigo mostra como os franceses construíram uma imagem distorcida do Brasil em seu imaginário. Essa imagem foi construída, desde os primórdios, a partir de relatos de viajantes franceses e mesmo de historiadores brasileiros. Para os franceses, o Brasil é um país de balangandãs, muita festa, gente alegre, sol o ano inteiro, mulatas bronzeadas, carnaval e futebol. Em 2005, aconteceu o Ano do Brasil na França e a organização do evento insistiu em exibir imagens estereotipadas (clichês) do Brasil.*

**Palavras-chave:** *Brasil, imagens do Brasil no exterior, estereótipos, imagens distorcidas do Brasil.*

**Abstract:** *This article explains how the French have built a distorted image of Brazil in their imaginary. Such image was built long before, based on French travelers reports and even Brazilian historians. For the French, Brazil is a country of balangandãs, plenty of festivals, bronzed female mulattoes, carnival and football. In 2005, there was the Year of Brazil in France and the event organizers insisted on exhibiting stereotyped images (clichés) of Brazil.*

**Key-words:** *Brazil; images of Brazil abroad; stereotypes; distorted images of Brazil.*

---

---

\*Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Langues, Littératures et Civilisations Etrangères na Sorbone Nouvelle (Paris 3).

## Introdução

*“Brasil, terra boa e gostosa, da morena sestrosa,  
de olhar indiscreto [...]”<sup>1</sup>*

Pele acobreada, frutas e flores na cabeça, brincos de argola, sorriso largo, a mulata levanta a saia e arrisca passos de um samba ensaiado sobre o globo terrestre.

A descrição é de uma imagem (figura 1) que estampou estações de metrô, *outdoors*, catálogos, e fez parte de uma promoção da loja de departamentos mais conhecida da França, as Galeries Lafayette. Carro-chefe de uma campanha publicitária veiculada em Paris, em junho de 2005, por ocasião dos festejos referentes ao Ano do Brasil na França, a mulata estilizada traduz bem a imagem brasileira: um paraíso tropical habitado por muita mulher bonita, por gente alegre, que canta e dança como ninguém.



Figura 1 - Reprodução da capa do catálogo das Galeries Lafayette Paris, junho de 2005

<sup>1</sup>Trecho da música **Aquarela do Brasil** (1939), de Ari Barroso.

O globo terrestre, um dos elementos que compõem a imagem, também não está ali por acaso: supõem-se que o mundo é uma bola que rola fácil quando tocada pelos pés de brasileiros.

Malgrado os esforços dos organizadores de *Brésil, Brésils*, como foi chamado o Ano do Brasil na França, a alusão simbólica ao carnaval, futebol e mulher bonita veio firmar a representação dos brasileiros na França.

Entra século, sai século, e o cartão de visitas desse país continental, dezesseis vezes maior que a França, parece ser o mesmo de sempre. Toda a diversidade cultural formada pela fusão de tantos povos é sublimada quando entram em cena velhos clichês.

De modo geral, os franceses fazem ouvidos moucos quando se tenta explicar que o Brasil é o terceiro maior exportador de produtos agropecuários do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e União Européia. Nem mesmo uma matéria do *Le Monde* (edição de 24 de maio de 2005), destacando que o Brasil já é o líder mundial na produção e exportação de suco de laranja, de açúcar, café, tabaco, carne bovina, e o segundo maior exportador de soja, demoveu os franceses da imagem distorcida construída ao longo do tempo.

Mais forte que o setor de *agribusiness*, que a pujança do parque industrial, que a seriedade das pesquisas nas grandes universidades e instituições científicas, é a exportação da imagem de um país que “*fait la fête*” (faz a festa), frase que vive na boca dos franceses. Praias idílicas, gente bronzeada, pobre mas feliz, coco verde, fitinhas do Senhor do Bonfim, patuás, balangandãs, berimbau e capoeira. Difícil saber, com segurança, quando essas imagens serão relegadas a um segundo plano, em detrimento de imagens de um país moderno e econômica e socialmente desenvolvido.

Ética e politicamente correta, a imprensa francesa cuida para não se deixar levar pelos estereótipos. Isso pôde ser constatado em 2005, quando o Brasil esteve na pauta dos *media* locais. Na maioria das vezes as informações primam pela isenção e contribuem para explicar que país multifacetado é esse.

Paradoxalmente, texto e imagem caminham cada qual em sua via. A revista semanal *Le Figaro Magazine*, que dedicou a edição de 5 de março de 2005 (figura 2) quase que exclusivamente ao Brasil, teve como manchete *Spécial Brésil – la magie d’un continent* (Especial Brasil – a magia de um continente). Para ilustrar a capa, uma baiana, o Cristo Redentor, a atriz Luma de Oliveira exibindo sua plástica no carnaval, um índio paramentado e uma foto de capoeirista – essa, de autoria de Pierre Verger.



Figura 2 - Capa da revista *Le Figaro Magazine*  
Paris, março de 2005

Nas páginas internas, a primeira das reportagens diz: *Fascinant Brésil – Une grande saison brésilienne s’ouvre en France. L’occasion de redécouvrir le pays de braise au-delà des clichés [...]* (Fascinante Brasil – Uma grande estação brasileira se abre na França. É a ocasião de redescobrir o país de brasa além dos clichês).<sup>2</sup> (LE FIGARO MAGAZINE, p.38).

Os clichês, todavia, estão lá, escancarados em imagens que ocuparam duas páginas da revista: o Cristo Redentor de braços abertos,

<sup>2</sup>Tradução livre e grifo da autora.

meninos pobres vendedores ambulantes, uma praia apinhocada de gente e um fiel pedindo a bênção a uma mãe-de-santo. Detalhe: ele veste a camisa da seleção brasileira, a número 9, do jogador Ronaldo. Uma única legenda explica as imagens: “*Des enfants, des plages de sable blanc, l’âme la plus joyeuse du monde, sous la protection du Christ Rédempteur du Corcovado, à Rio.*”<sup>3</sup> (LE FIGARO MAGAZINE, p.39).

Quase lírico, o texto, assinado pelo jornalista Sébastien Lapaque, ressalta os laços de amizade entre o Brasil e a França, e cogita a hipótese de que teriam sido os franceses os primeiros a aportar no território brasileiro.

*Nous nous sommes tant aimés... Dès que nous nous sommes rencontrés, les premiers, peut-être. À l’université de São Paulo certains historiens rappellent l’hypothèse selon laquelle le premier Occidental à voir posé le pied sur la terre brésilienne ne serait pas le Portugais Pedro Álvares Cabral, em 1500, mais un certain Jean Cousin, capitaine français natif de Dieppe, em 1488. Une conjecture que rien ne fonde, sinon quelques témoignages tardifs, mais dont on sent bien qui continue à la faire vivre.*<sup>4</sup> (LE FIGARO MAGAZINE, 2005, p.40).

A reportagem reafirma a relação de cordialidade que teria existido entre os franceses e os índios, especialmente os Tupinambás. “*Une histoire d’amour qui a commencé avec l’arrivée du normand Binet Paulimer de Gonneville sur le littoral de l’actuel Etat de Santa Catarina (1504) et a duré jusqu’à la chute de la France équinoxiale établie dans le Maranhão (1615)*”<sup>5</sup> (LE FIGARO MAGAZINE, 2005, p.40).

<sup>3</sup>Tradução livre: “Crianças, praias de areia branca, a alma mais alegre e religiosa do mundo, sob a proteção do Cristo Redentor, no Corcovado, Rio.”

<sup>4</sup>Tradução livre: “Nós nos amamos tanto... Desde que nós nos encontramos, os primeiros talvez. Na Universidade de São Paulo, certos historiadores lembram a hipótese segundo a qual o primeiro ocidental a pisar na terra brasileira não seria o português Pedro Álvares Cabral, em 1500, mas um certo Jean Cousin, capitão francês oriundo de Dieppe, em 1488. Uma conjectura que em nada se fundamenta, salvo alguns testemunhos tardios, mas que a gente bem que gostaria que perdurasse.”

<sup>5</sup>Tradução livre: “Uma história de amor que começou com a chegada do normando Binet Paulimer de Gonneville no litoral do atual Estado de Santa Catarina (1504) e durou até a queda da França equinocial estabelecida no Maranhão (1615).”

Na mesma página, o jornalista continua a explicitar a construção da imagem de um país idealizado, ao gosto do colonizador do século XVI. “*Dès l’origine, les Français se sont inventés um Brésil idéal, aussi réel que rêvé, patrie d’un bon sauvage dont l’image court de Montaigne à Diderot et de Diderot à Rousseau.*”<sup>6</sup> (LE FIGARO MAGAZINE, 2005, p.40).

Não há, contudo, menção aos interesses que impeliram a França a querer se estabelecer por aqui, e muito menos às lutas esganiçadas entre Tupinambás, do lado dos franceses, e tribos aliadas dos portugueses.

Ainda na *Le Figaro Magazine*, numa outra matéria denominada “*Bahia de tous les songes*” (Bahia de todos os sonhos), o mesmo jornalista trata de esclarecer que Salvador guarda raízes tradicionais da cultura afrobrasileira, e que os visitantes que para ali se dirigirem devem enxergar a cidade para além das apelações turísticas. Isso é o que ele diz, mas um olhar mais atento descobrirá que existe um certo descompasso entre o que se lê e o que se vê. As fotos da reportagem exibem baianas rodando as saias de renda, pescadores de torso nu, casais dançando, coxas entre coxas, num tom que sugere descontração e lascívia. Se de um lado o texto resgata bem os valores genuínos da cultura baiana, as fotos repetem cenas já velhas conhecidas.

## O exótico e a construção de estereótipos

*“Samba da minha terra deixa a gente mole,  
quando se canta todo mundo bole [...]”.*<sup>7</sup>

*Les brésiliens sont toujours très étonnés de produire une musique  
qui intéresse autant l’Europe. Comme le pétrole, la chanson*

---

<sup>6</sup>Tradução livre: “Desde o começo, os franceses inventaram para si um Brasil ideal, tão real quanto sonhado, pátria do bom selvagem cuja imagem corre de Montaigne a Diderot, e de Diderot a Rousseau.”

<sup>7</sup>Trecho da música **Samba da minha terra**, de Dorival Caymmi.

*brésilienne est issue d'une accumulation d'influences: celtique, provençale à partir du XIème siècle, arabe avec les invasions de la péninsule ibérique. Cette capsule de spermatozoïdes musicaux a ensuite fermentée dans le Nord-Est du Brésil, s'est enrichie de culture africaine, jusqu'à exploser au XXème siècle [...].*<sup>8</sup> (LE MONDE 2, julho-agosto de 2005, p.30).

O depoimento, dado pelo músico Tom Zé à revista *Le Monde 2*, reitera uma frase dita pelo sociólogo Gilberto Freyre, em 1926: a música é a quintessência do Brasil. A chamada “*l’âme musical brésilienne*” (alma musical brasileira) é largamente difundida mundo afora, e não é de hoje. Os viajantes franceses, que desde o século XVI começaram a visitar o Brasil, em muito contribuíram para o estabelecimento dessa idéia.

O aquarelista Jean-Baptiste Debret retratou, no Rio de Janeiro, a forte presença da música na vida cotidiana da população, principalmente entre os negros. As diversões deles eram bem mais animadas do que as da elite colonial. O historiador francês Frédéric Mauro (1991), em seu livro *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*, observou bem essas diferenças. Segundo ele, “as distrações da boa sociedade” eram bastante monótonas. Os banquetes, bailes, corridas de cavalo, jogos nos cassinos e peças teatrais reproduziam o jeito de viver europeu, com destaque para o parisiense. Parece, pois, natural, que Debret – bem como os demais viajantes – vissem as manifestações populares sob a ótica do exotismo. O Brasil, assim retratado, adquiria ares de um país festeiro, desregrado, uma terra de extremos.

Já o grosso das massas populares, escravos domésticos, escravos do ganho (que comercializavam mercadorias de porta em porta a mando do dono), os alforriados, davam livre vazão aos sentimentos. Uma publicação de época, a *Revista Ilustrada* (edição de 22 de janeiro de 1876), citada por Mauro (1991, p.49), relata que nem mesmo a

---

<sup>8</sup>Tradução livre: “Os brasileiros ficam sempre muito surpresos de produzir uma música que interessa tanto à Europa. Como o petróleo, a canção brasileira é resultante de uma acumulação de influências: céltica, provençal a partir do século XI, e árabe, com as invasões da península ibérica. Esta cápsula de espermatozóides musicais fermentou em seguida no Nordeste do Brasil, se enriqueceu com a cultura africana, até explodir no século XX.”

iminência de uma epidemia de febre amarela refreia os preparativos para o carnaval. “[...] as massas populares vivem de ritmo e de música o ano inteiro.” Na revista, o autor do artigo relata um desses momentos.

Certo dia, quando fui condenado a atravessar o Campo da Aclamação, vi uma tropa de negros de ganho que avançava cantando. Ao som dessa harmonia selvagem formada pelo acorde de vozes, das marimbas e dos bicos de regador, uma negra que lavava a roupa dos seus senhores deixou de lado o seu lavador de madeira e lançou-se à frente de seus companheiros de servidão. Possuída pelo demônio da dança, ela pôs-se a pular, a sacudir-se em cadência, na cabeça da coluna e com o rosto voltado para os seus confrades. Percorreu assim toda a praça, andando de costas, sem que o seu fervor parecesse diminuir. (MAURO, 1991, p.49).



*Figura 3 - Marimba: reprodução da gravura de Jean-Baptiste Debret no Jornal Le Monde.*

Nota-se, portanto, que a imagem de povo festeiro foi construída paulatinamente, a partir das autênticas manifestações culturais dos diversos povos africanos levados ao Brasil à revelia. O visitante da época, entre espantado, horrorizado, e ao mesmo tempo admirado, acompanha tudo e vai formando seus conceitos a partir das impressões que lhe chegam mais de perto.

Como espectadores, os viajantes passam do êxtase da primeira vista ao horror dos contatos subseqüentes. O francês Charles Expilly, citado por Mauro (1991, p.13-14), descreveu assim sua chegada ao Rio:

Não existe viajante algum que, tendo visto o Brasil, não fale com admiração do magnífico espetáculo proporcionado pela Baía do Rio. [...] Quando se entra na Baía, após o sofrimento e privações da longa travessia, fica-se deliciosamente comovido com o esplendor do panorama que se estende diante dos olhos [...] para onde quer que se dirijam os olhos, encontram-se colinas de formas arredondadas e carregadas de uma rica vegetação. [...] Devo eu falar ainda desse ar fresco do mar, dessa lerissa de bálsamo que vem das florestas, desses ruídos suaves que murmuram os maciços das ilhas e desses cantos ingênuos dos negros que sulcam as águas em frágeis embarcações?

O mesmo Expilly muda o tom ao pisar em terra firme. O idílio dá lugar à crueza da realidade com que se depara.

Que decepção, meu Deus, quando se sai do ancoradouro! [...] Ao mesmo tempo em que o olho se entre entristece com essa pobreza não esperada, o olfato é desagradavelmente afetado por um odor nauseabundo, penetrante, que ressalta com violência. [...] Todos os detritos domésticos são atirados de qualquer maneira em barris que de noite, os escravos despejam no mar. [...] Por volta das seis, uma interminável procissão desemboca de todas as ruas e dirige-se para a praia. É o Rio de Janeiro começando o seu tratamento de beleza, que entretanto, não consegue livrá-lo inteiramente da infecção que enche as casas. Esses negros carregando o barril tradicional que os franceses chamam de “barrete” são como o símbolo da cidade... (apud MAURO, 1991, p.15).

A construção ou, antes, a reprodução de uma sociedade pautada nos moldes europeus, fñcada num paraíso tropical, a crença quase bíblica de que não existiria pecado ao sul do Equador, e a suposta existência de

um fabuloso Eldorado, compunham a bagagem dos estrangeiros que desembarcavam no Brasil.

*Sir Richard Francis Burton* (2001, p.30), explorador britânico, no livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, pontuou:

O operário que vem para o Brasil, mineiro, carpinteiro ou ferreiro, torna-se feitor de mina, talvez proprietário, engenheiro. O modesto lojista da Europa aqui se torna pelo menos negociante, possivelmente capitalista. O simples mestre-escola é professor; o empregado de escritório eleva-se de 100 libras por ano a 300. A governanta, indo além de uma empregada doméstica de categoria superior, com um futuro enfadonho diante de si, torna-se, muitas vezes, a cabeça da casa, que governa com mão-de-ferro.

A idéia de um paraíso bíblico esquecido na terra martela a cabeça dos visitantes. *Burton* (2001, p.44) viu assim o Rio de Janeiro:

E cada hora tem seu próprio encanto. Há sublimidade no meeiro matinal que flutua distante sobre um rochedo em terra, ou mar agitado, há grandeza e esplendor no brilho das ondas sob o sol do meio-dia, quando a brisa se impregna do perfume de mil flores. [...] Combine-se com essa delicada e feérica, essa singular beleza feminina de colorido, um poder e majestade nascidos do tamanho e da abrupta grandeza das montanhas e picos, de precipícios e rochedos [...]. E não será a Beleza a forma visível do Bem? [...] Ao mesmo tempo, encontraremos entre o povo pronunciados traços de caráter e uma energia quase selvagem, que se faz sentir dos ossos à flor da pele.

Já no século XX, a mentalidade do viajante começa a mudar. Com o pensamento científico ganhando corpo nos mais variados campos, a imagem, antes enevoada, volátil, assume contornos mais nítidos. O etnólogo *Claude Lévi-Strauss*, nos anos 30, enxergou o Rio de Janeiro além do cartão-postal. O olhar do viajante, dessa feita, é triste.

[...] Sinto-me cada vez mais embaraçado para falar do Rio de Janeiro, que me desagrada, apesar de sua beleza celebrada tantas vezes. Como direi? Parece-me que a paisagem do Rio está mais à altura de suas próprias dimensões. O Pão-de-Açúcar, o

Corcovado, todos esses pontos tão enaltecidos lembram ao viajante que penetra na baía cacos perdidos nos quatro cantos de uma boca desdentada. Quase constantemente submersos no nevoeiro sujo dos trópicos, esses acidentes geográficos não chegam a preencher um horizonte vasto demais para se contentar com isso. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.75).

A construção idealizada de uma terra paradisíaca, onde todos os sonhos e aspirações pudessem ser realizados, moveu as primeiras levas de viajantes, fossem eles aventureiros, exploradores ou cientistas, e conseguiu se manter quase intacto na atualidade.

O europeu precisava de um território edificado à sua imagem e semelhança, e criou para si esse recanto. E por que o Brasil? No que diz respeito aos franceses, a revista *Le Figaro Magazine* (5/3/2005, p.3) propõe o seguinte:

*Pourquoi le Brésil? Parce qu'il reste un idéal aussi réel que rêvé, une terre de commencements à l'aube d'un siècle nouveau. Le plus grand pays d'Amérique du Sud a la taille d'un continent t l'énergie exubérante d'une terre fascinante, ouverte et joyeusement humaine.*<sup>9</sup>

Visto de longe, ou antes, vislumbrado da baía, o país, dessa maneira construído, incorporou características agrídoces, por assim dizer. Enquanto a população brasileira, que de forma geral ainda vê o estrangeiro como o Outro inofensivo, tal qual fizeram os chamados “negros da terra” (os indígenas) ao acolher na praia os primeiros colonizadores, no século XVI, cresce a consciência de que, desde o começo, o Brasil foi concebido como uma extensão dos interesses alheios.

O cantor e compositor Caetano Veloso soube definir bem como isso se dá. A música *O Estrangeiro*, de 1989, fala de um país que está

---

<sup>9</sup>Tradução livre: “Por que o Brasil? Porque resta nele um ideal tão real quanto sonhado, uma terra de inícios na aurora de um novo século. O maior país da América do Sul tem o tamanho de um continente e a energia exuberante de uma terra fascinante, aberta e alegremente humana.”

exposto ao gosto (ou ao desgosto) do visitante, que se apraz dele, ou que lhe recusa os dotes.

O pintor Paul Gauguin amou as luzes na Baía da Guanabara. O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite dela. A Baía de Guanabara. O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara; pareceu-lhe uma boca banguela. [...] mas será ao mesmo tempo bela e banguela a Guanabara?<sup>10</sup>

## O brasileiro no imaginário do francês

*“Ô mulata assanhada, que passa com graça,  
fazendo pirraça, fingindo inocente,  
tirando o sossego da gente [...]”<sup>11</sup>*

A mistura de raças é uma realidade no Brasil: o europeu colonizador, o indígena, o africano, e mais tardiamente o árabe, o japonês, e tantos outros povos pincelaram traços e cores à aquarela brasileira.

O francês que conhece, ainda que superficialmente, a história mundial sabe disso. Entretanto, o perfil mais conhecido é o clássico: pele cor de jambo, dentes brancos, gingado no andar, alegria de viver. Essas características servem tanto para brasileiros do sexo feminino quanto para do masculino. Ele sabe perfeitamente que Gustavo Küerten e Gisele Bündchen são brasileiros, e consegue entender as razões históricas dos sobrenomes que eles portam. São europeus nascidos eventualmente no Brasil por conta da imigração européia.

Resta nele, no entanto, o gosto pelo exotismo, pela sensualidade brejeira, pelo dengo, pelo languescimento. O brasileiro, pois, no imaginário francês, é o fruto de uma mestiçagem que se deu desde os primórdios da colonização. E é esse tipo humano que ilustra, na maior parte das vezes, as publicações que tratam do Brasil.

<sup>10</sup>Trecho da música **O Estrangeiro** (1989), de Caetano Veloso.

<sup>11</sup>Trecho da música **Mulata Assanhada**, de Ataulfo Alves.

Se, por um lado, os textos franceses esclarecem criteriosamente que o Brasil é o país onde as desigualdades sociais são gritantes, que os negros e mestiços não dispõem das mesmas oportunidades, que é falsa a idéia de uma democracia racial; por outro lado, as fotografias privilegiam os mulatos (muito mais as mulatas) de carapinha dura. E nas imagens fotográficas eles crescem: a pele acobreada é a marca registrada dos brasileiros junto aos *media* franceses.



Figura 4 - Capa da Revista Madame Figaro  
(22 de Janeiro de 2005)

A influência dos negros – e não apenas na condição de negros, mas ainda como escravos – na formação do brasileiro é tida como a responsável pela propalada displicência, uma certa tendência à preguiça, uma quase lascívia, crenças essas que se arraigaram ao imaginário francês.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda registrou o contato entre os índios, portugueses e negros africanos quando da colonização.

O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente energética do afetivo, do irracional,

do passional, e uma estagnação, ou antes, uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. [...]

Sinuosa até na violência, negadora de virtudes sociais, contemporizadora e narcotizante de qualquer energia realmente produtiva, a “moral das senzalas” veio a imperar na administração, na economia e nas crenças religiosas dos homens do tempo. [...]

O português entrou em contato íntimo e freqüente com a população de cor. Mais do que nenhum outro povo da Europa, cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e dos negros. Americanizava-se ou africanizava-se, conforme fosse preciso. (HOLANDA, 1971, p.51).

Da combinação das três raças, surgiu um tipo humano diferente. Da fusão de peles, de compleições físicas, hábitos alimentares e costumes, nasceram homens e mulheres esculpidos a dedo, harmoniosamente, dotados de plásticos invejados no mundo inteiro.

Em se tratando de físico, nada faz mais sucesso do que as nádegas das brasileiras. O bumbum empinado atravessou fronteiras, ganhou fama internacional. A revista *Madame Figaro*, dedicou três páginas a essa “parte” das brasileiras que arranca suspiros de desejo tanto de homens quanto de mulheres. Na matéria intitulada “*Surveillez vos arrières*” (Vigiem seus traseiros), a jornalista Diane Wuliwek escreveu:

*On les voudrait hautes, fermes e bien galbées. Les exhiber sans pudeur à la plage dans un micro-maillot échancré. En tout cas, ne plus se sentir misérable à la vue de tous ces popotins de rêve exposés à longueur de pubs. Sauf que, pour l'heure, nos fesses font triste mine. Au mieux, elles sont plates. Au pire, elles constituent avec le haut des cuisses un tout informe, voire volumineux. [...] Si l'on veut arborer une croupe de carioca, il va falloir muscler ce joli petit monde.*<sup>12</sup> (MADAME FIGARO, 2005, p.66).

<sup>12</sup>Tradução livre: “A gente gostaria de tê-las empinadas, firmes, torneadas. Exibi-las na praia num minúsculo maiô cavado, sem pudor. Em todo caso, não se sentir miserável à vista de todos esses bumbuns de sonho expostos ao longo dos pubs. Exceto que, no momento, nossas nádegas fazem triste figura. Ou melhor, elas são achatadas. Pior, elas constituem, com o alto das coxas, um todo sem forma, volumoso mesmo. [...] Se a gente quiser portar uma bunda à carioca, vai ser preciso dotar de músculo esse bonito e pequenino mundo.”

Os brasileiros residentes na França, ou aqueles que passam aqui uma temporada, como estudantes e artistas, acabam por fortalecer os mitos em torno da figura dos brasileiros.

Na embaixada do Brasil em Paris, a propaganda é farta. Cartazes, *folders*, informativos e pequenos jornais convidam para as rodas de samba, forró e capoeira. Para estampar tanta publicidade, um pacote de velhos rótulos: mulatas à la Carmem Miranda, quadris em remelexo, o Cristo Redentor, o Pão-de-Açúcar, o Calçadão de Copacabana, mulheres de biquínis fio-dental, baianas nas escadarias do Senhor do Bonfim, capoeiristas, coqueirais, índios botocudos.

Por toda a França, dezenas de associações culturais se propuseram a difundir a cultura brasileira. Em fevereiro, durante o carnaval, a programação foi intensa. Nesse período, enquanto no Brasil a temperatura está no auge, no hemisfério norte é inverno. Os festins, então, se restringiram a tímidos bailes dentro de ambientes fechados.

Nem o clima adverso, no entanto, intimidou algumas associações que, mesmo assim, botaram o bloco na rua. O que se viu aí foram protótipos de alegorias à moda carioca. Sobre os carros, a decoração lembra antigos carnavais: novamente os coqueiros, redes, bonecas em tamanho grande vestidas com biquíni asa-delta, traves de um gol, e ele, o “Rei Pelé”, o eterno dono da camisa 10, vestido em verde e amarelo.

Sem se arriscar a cair no samba, os franceses, organizados e ordeiros, seguiram o cortejo jogando confetes e serpentina. Eles se aglomeraram em torno das passistas que, para suportar o frio, usaram uma malha cor da pele por baixo das plumas e paetês. Sempre sorridentes, posaram para fotos e mais fotos ao lado dos eufóricos franceses.

A idéia de um país em eterna festa foi levada, em julho de 2005, a *Paris Plage* (Paris Praia), um dos eventos que marcaram o Ano do Brasil na França. A prefeitura da capital francesa despejou toneladas de areia às margens do rio Sena, montou redes para a prática do vôlei de praia e palcos ao ar livre onde o público teve aulas de samba e axé, tudo de graça. Os monitores, brasileiros estabelecidos na França, além de ensinar a ginga, ainda se detiveram por horas a explicar a grupos

franceses “*la façon de vivre*” dos cariocas e baianos (cariocas e baianos são os brasileiros mais afamados na França).

E a festa não parava. Depois foi a vez da lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim, que teve uma versão francesa. A lavagem das escadarias das igrejas Sacré Coeur e Madeleine, em Paris, atraiu multidões.



Figura 5 - Lavagem das escadarias da Catedral Sacré-Coeur, em Paris – Julho 2004  
Foto: Maranúbia Barbosa

Puxando o cordão, um carro dotado de auto-falantes tocou músicas tradicionais e se revezou com grupos de capoeiristas que deram um show ao som dos berimbaus. Com potes de água de cheiro e ramalhetes de flores, pais, filhos e filhas de santo, vestidos de branco, instruíram os que queriam ser iniciados, e garantiam a manutenção da imagem.

O francês que acompanhou o ritual se sentiu em Salvador *de* Bahia, como se diz por aqui. Mal sabe ele que aquelas baianas que rodam as saias ao som de atabaques são falsas: o tom da pele acobreado pode ser o mesmo, mas quase sempre elas são dançarinas contratadas pelas

associações culturais para animar a festa. São baianas da Martinica, de Guadalupe, de Cabo Verde...

## Índios e favelas na arquitetura de imagens

*“Esse coqueiro que dá coco, aonde eu mato a minha sede nas noites claras de luar”<sup>13</sup>*

*Brésil, Brésils.* Singular e plural. Micro e macrocosmos. País continental a ser (re)descoberto. Mistura de raças. Democracia racial. Em 2005, ano instituído pela França para celebrar a cultura brasileira, frases como essas saltaram de uma página a outra nos mais diferentes meios de comunicação.

Viu-se, ouviu-se, leu-se, debateu-se o Brasil. Não só suas belezas foram postas à mesa: dedos escarafuncharam suas feridas. A ferida mais aberta do Brasil no exterior, e a que mais repercutiu na França, foi – e é – objeto de constantes e intermináveis discussões: a destruição da Amazônia.

O Brasil é visto como um vilão que toma de assalto a selva amazônica (é freqüente a expressão *“Le Brésil à l’assaut de sa forêt”* – O Brasil ao assalto de sua floresta). Os franceses se assustam com números fornecidos pela imprensa. Cada veículo de comunicação tem sua estimativa, sempre alarmante. Segundo a revista *Le Monde 2* (edição de julho-agosto de 2005), uma área do tamanho da Bélgica é posta abaixo todo ano. Nesse ritmo galopante, estima que em quarenta e cinco anos não restará um só arbusto para contar a história. As fotografias mostram ora o inferno verde (a mata hermeticamente compacta), ora os troncos empilhados fumegando em meio a uma paisagem desoladora.

Inserido na relação do Brasil com o meio ambiente, o índio ainda encarna o ideal do *“bon sauvage”*. Em 2005, extenso material

<sup>13</sup>Trecho da música **Aquarela do Brasil**, de Ari Barroso.

publicado atestou essa concepção. O jornal *Le Figaro* (22 de março de 2005), na manchete “*Féeries indiennes du Brésil*” (Magias indígenas do Brasil), resume o universo indígena como um espetáculo maravilhoso, encantado.

Essa concepção começou a ser firmada já a partir dos primeiros contatos dos viajantes com os nativos, especialmente com os tupinambás. No livro *História das mulheres no Brasil*, o historiador Raminelli (2002, p.11) explica que “os viajantes adotavam uma perspectiva típica da tradição cristã, pouco se preocupando com as particularidades do Novo Mundo”. Segundo ele, “os tupinambás eram vistos pelo viés europeu, que estranhava, julgava e por vezes reavaliava os próprios valores”.

Muito do que o francês sabe, ou pensa que sabe sobre os índios brasileiros, deve-se aos relatos de viagens. Um dos mais conhecidos, “As Grandes Viagens”, do belga Théodore de Bry (apud BELUZZO, 2000), apareceu um século depois da descoberta da América, em 1592. Bry nunca cruzou o Atlântico, jamais pisou o pé no Brasil, nunca viu um índio cara-a-cara, mas isso não apresentou problema: para escrever sobre a população ameríndia ele se inspirou nos relatos de um soldado chamado Charles Quint, que teria sido feito prisioneiro dos tupinambás; e nos livros de Hans Staden e de Jean de Lévy, publicados em alemão e francês, respectivamente. Gravurista, Bry oscilou entre dois mitos: o do “*bon sauvage*” e o do índio belicoso e antropófago. No terceiro volume de “As Grandes Viagens”, o “*Americae Tertia Pars*”, escrito em latim para atingir um público maior, Bry enfatizou, com reconhecida beleza plástica, os rituais antropofágicos dos tupinambás.

Segundo Raminelli, (2002, p.29-31), as imagens de Bry e os textos de Lévy e Staden são descontraídos. A participação das mulheres nas cenas de canibalismo é uma constante nas gravuras de Bry, numa clara referência à misoginia cristã, que liga a imagem feminina à perversão, que induz a pensar numa Eva Tupinambá, sedenta de desejo carnal.

Para finalizar a arquitetura de imagens, ainda um importante *croquis*: as favelas. Chamadas de “*bidonvilles*”, esse produto “nacional” – que nem é exclusividade brasileira – habita o imaginário dos franceses. Eles quebram a cabeça para entender suas regras, a arte insólita de se dependurar nos morros, o universo particular de seus moradores. Para compreendê-las, uma produção em grande estilo decorou as paredes da estação do metrô Luxembourg, em Paris, no final de 2005. Enormes painéis fotográficos, retratando as favelas do Rio de Janeiro, a precariedade dos barracos, a falta de infra-estrutura, a distância social entre o morro e o asfalto: os franceses acorreram aos milhares para admirar os painéis.

As imagens apresentavam personagens típicos da vida cotidiana carioca: cães vadios; a profusão de “gatos” (instalações elétricas clandestinas); os barracos improvisados; homens de calção e camiseta, em chinelos de dedo, fumando, sossegados, ou jogando baralho; mulheres vestidas de shorts e minibusas, na janela, pintando as unhas, sentadas, ou à porta dos barracos, displicentes; e pipas voando ao longe, anunciando a chegada da droga na boca de fumo, um sinal claro da violência dos morros. Em cada painel, a cronologia da construção das favelas, as razões que levaram a população a se recuar morro acima, frases de efeito colhidas junto aos moradores.

O tema favelas, desde o início do século XX, já despertava a atenção dos estrangeiros, que olhavam as construções sob a ótica do senso comum, ou guiados por um senso mais crítico. Foi esse o caso de Lévi-Strauss (1996, p.83).

[...] em 1935, no Rio, o lugar ocupado por cada um na hierarquia social media-se pelo altímero: tanto mais baixo quanto mais alto fosse o domicílio. Os miseráveis viviam empoleirados nos morros, nas favelas onde uma população de negros, vestidos de trapos bem limpinhos, inventaram ao violão essas melodias abertas que, na época do carnaval, desceriam das alturas e invadiriam a cidade junto a eles.

O medo, e ao mesmo tempo o fascínio que as favelas exercem nos franceses, faz com que muitos deles afluam aos milhares a um ponto noturno de Paris: a Favela Chic. O lugar, um misto de discoteca, bar e restaurante, de propriedade de uma brasileira, explora os estereótipos esperados pelos franceses. Na fachada do Favela Chic, tábuas de madeira e tapumes dão um efeito parecido às favelas do Rio de Janeiro e São Paulo. No interior, tudo o que as caracteriza: a decoração mistura flores de plástico, calendários pendurados nas paredes, móveis improvisados e quadros da Virgem Maria, do Sagrado Coração de Jesus, São Jorge montado no dragão e Iemanjá.

## Considerações finais

*“Isso aqui é um pouquinho de Brasil, Iaiá, desse Brasil que canta e é feliz.”<sup>14</sup>*

Um olhar é feito de vivências, de inferências, de convivências, de reminiscências. O olhar nunca é isento, quase nunca é um mero olhar por olhar. O olhar sobre o Brasil começou a ser construído no século XVI, com a chegada dos europeus. O “*pays de braise*” (país de brasa) enriqueceu nações, ajudou a fortalecer impérios e sobretudo, alimentou, povoou as mentes dos que aqui aportavam com os mais diferentes sonhos.

O Desconhecido, o Estranho, o Outro, o Exótico: sustentados por esses eixos, os estrangeiros construíram o olhar sobre o Brasil. Entre os tantos viajantes que para cá dirigiram o olhar, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1996, p.45), definiu assim a representação do Brasil para o estrangeiro.

---

<sup>14</sup>Trecho da música **Isto aqui o que é?**, de Ari Barroso.

O Brasil esboçava-se na minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador, detalhe olfativo introduzido subrepticionalmente, ao que parece, pela homofobia observada de forma inconsciente entre as palavras “*Brésil e grésiller*” (Brasil e crepitar), e que, mais do que qualquer experiência adquirida, explica que ainda hoje eu pense primeiro no Brasil como num perfume queimado [...].

O olhar proporciona o viajar além das imagens, e o viajar constrói o olhar. Sobre as viagens, diz ainda Lévi-Strauss (1996, p.81): “Em geral, concebemos as viagens como um deslocamento no espaço. É pouco. Uma viagem inscreve-se simultaneamente no espaço, no tempo e na hierarquia social.”

O país de brasa atravessou os séculos, os viajantes vieram e partiram, trouxeram e levaram suas impressões. Estar no “país de brasa” imprimiu-lhes certas marcas, e poucos ficaram imunes.

Mas sinto outras mudanças: eu era pobre e sou rico; primeiro porque minha condição material mudou; depois, porque o preço dos produtos locais é inacreditavelmente baixo: esse abacaxi iria me custar um franco, esse cacho de bananas, dois francos, essas galinhas que um vendedor italiano assa no espeto, quatro francos. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.81).

Essa disponibilidade material, que compreende também uma disponibilidade de seres quando se trata da construção do imaginário, implica em ter ao alcance das mãos tudo aquilo que era inacessível. Pode-se possuir, desde que assim se queira, um abacaxi, um cacho de bananas, umas galinhas, umas mulatas, uns índios, uns Pelés.

Construir, legitimar e se apossar da imagem do Outro compreende as intrínsecas relações de poder. No século XVIII, Rousseau já observava que a estrutura que sustenta o poder é o consentimento, um contrato pelo qual indivíduos cedem sua autonomia em benefício geral.

O consentimento seria, pois, o fundamento psicológico do poder. As relações bilaterais dos que detêm esse poder, e dos que o cedem, compreendem um conjunto de préstimos, favores, reciprocidade. Mas, nesse jogo de interesses as relações viciam-se, e geralmente o poder tende a balançar mais para um lado do que para o outro. É, pois, e parece que será sempre, um jogo desequilibrado.

---

## Referências

---

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Objetiva, 2000.

BOUYER, Marc; DUVIOLS, Jean-Paul. **Le théâtre du nouveau monde: les grands voyages de Théodore de Bry**. Paris: Gallimard, 1992.

BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. Brasília: Ed. Senado Federal, 2001.

CARELLI, Mario. **Brésil, épopée metisse**. Paris: Découvertes Gallimard, 1987.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Les indiens du Brésil**. Paris: Chadeigne, 2005.

EXPILLY, Charles. **Le Brésil tel q’il est**. Paris: Arnauld de Vresse, 1862.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MADAME FIGARO. Paris: OJD, v.1.065, 22 jan. 2005.

MAURO, Frederic. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.